



DO PRESENCIAL AO REMOTO: AS RECONFIGURAÇÕES DA SALA DE AULA, DOS SABERES E DOS AFETOS EM PERÍODO PANDÊMICO

Cláudia Patrícia Schutz (cpschutz@gmail.com)
Ana Paula Santos Pereira (anasanper@yahoo.com.br)

Eixo temático 1: Experiências e Práticas Pedagógicas

1. INTRODUÇÃO

Nesse ensaio vamos apresentar uma reflexão sobre as nossas ações e percepções sobre o nosso fazer docente e o estar na escola durante o Ensino Remoto como professoras da Escola Básica Pública no interior do Rio Grande do Sul.

A primeira autora do relato é professora de Geografia e a segunda, professora de Física. Professoras que se reencontraram como docentes em um Instituto de Educação, e desse reencontro nasceram as reflexões acerca do fazer docente durante a pandemia de Covid-19.

No ano de 2020, fomos todos surpreendidos por um cenário mundial desolador, o mundo todo foi colocado em quarentena. O vírus SARS-CoV-2, que foi identificado inicialmente na China, estava se espalhando rapidamente pelo mundo, causando uma doença denominada Covid-19, uma enfermidade infectocontagiosa desconhecida e sem tratamento. As escolas do mundo todo foram fechadas, aqui no Brasil não foi diferente. No dia 19 de março todas as escolas do Rio Grande do Sul tiveram suas atividades suspensas para evitar a disseminação do vírus nas comunidades.

Um novo cenário pedagógico surgiu e o uso das tecnologias digitais como ferramentas educacionais passou a ser algo necessário para efetivar a prática docente e um modo de manter o contato entre escola, professores e alunos.

As tecnologias digitais como ferramentas pedagógicas passaram a ser essenciais para a continuidade do desenvolvimento educacional no Brasil e no mundo, e sua inserção abrupta em uma escola pública será o nosso foco para a ampliação de sentidos e significados das nossas práticas docentes, a quais podem ter comuns a tantos outros professores e professoras do país.

2. CONTEXTO E DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Na busca de partilhar o espaço e o tempo da escola que nos propomos a relatar



vamos sustentar o nosso olhar para as motivações primeiras que nos levaram até um Instituto de Educação durante a pandemia.

Como muitas escolas brasileiras, o Instituto de Educação ao qual pertencemos, atuava de forma remota até um mês atrás, pois a escola não estava preparada para receber a comunidade escolar. Ainda faltavam arranjos no prédio para que as atividades escolares se efetivassem em segurança sanitária. Dessa forma, por quase um ano e meio a pandemia afastou professores e alunos.

Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo. (SANTOS, 2020, p.07).

A nossa atual escola é uma escola pública e centenária, fundada no ano de 1913, no coração da cidade de Rio Grande, interior do Rio Grande do Sul. Uma escola que atende mais de 1100 alunos, oriundos de vários bairros do município, pois oferta ensino desde a Educação Infantil até o Ensino Médio, formando também educadores através da Escola Normal.

O Instituto de Educação não possui laboratório de informática e a conexão à internet é precária, o que caracteriza ainda uma realidade comum na rede educacional pública brasileira e que torna peculiar a forma como alunos e professores de escolas públicas lidam com as tecnologias digitais.

Cabe destacar que quando iniciamos as nossas atividades na escola durante a pandemia pedimos redistribuição docente na rede estadual, o que definitivamente fez com que não tivéssemos contato presencial com os alunos e demais professores da escola. Nesse sentido, percebemos que nossas experiências educacionais durante o ensino remoto foram ampliadas e que a escrita dessas são pertinentes para trazermos algumas reflexões críticas sobre o nosso fazer docente, e de tantos outros professores, para além de estarmos no mundo, mas com o mundo.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

A UNESCO (2020) apresenta que 2020 não foi apenas o ano em que o mundo parou diante pandemia de covid-19, mas que foi o ano em que ocorreu a maior ruptura educacional da história, que obrigou, em seu auge, quase 1,6 bilhão de estudantes a deixarem suas salas de aula em mais de 190 países, o que corresponde aproximadamente a 90% da população estudantil de todo o mundo.

No Brasil fomos desafiados a pensar como amenizar o afastamento dos estudantes do ambiente escolar, ambiente permeado por amor e cuidado para os educandos, e não somente lugar do aprender e do ensinar. Desse desafio, vimos professores reencontrando formas de ensinar, outros tentando suprir as deficiências da própria formação para lidar com as novas tecnologias da informação e



comunicação (NTIC), mas sobretudo vimos a luta das escolas em manter os educandos com o vínculo escolar.

No Rio Grande do Sul, a partir do momento que tivemos que abandonar as aulas presenciais, as escolas procuraram formas de manter contato com os alunos. Inicialmente foram utilizadas as redes sociais como facebook e WhatsApp. Assim, nessa nova perspectiva, a educação com certeza se tornou muito mais voltada para o social do que para a transmissão cultural.

Posteriormente, as escolas estaduais migraram seus espaços físicos para o mundo virtual através da plataforma educativa Google Classroom¹, algo que parecia ser uma solução bastante prática e rápida. No final do mês de junho de 2020 o acesso à plataforma no Instituto de Educação foi iniciado para ambientalização dos professores.

Aos professores foi ofertado um curso intitulado Letramento Digital que possibilitou uma rápida incursão em estratégias para as atividades remotas, que por ser muito aligeirado, e inicialmente muito sustentado teoricamente contribuiu um pouco para que os professores se apropriassem de tais ferramentas. O curso foi estendido até o mês de setembro com o intuito de que os conhecimentos adquiridos fossem postos em prática durante as aulas que ocorriam de modo concomitante. E os professores foram chamados para aprender e ensinar remotamente na pandemia.

A partir daquele momento tivemos que parar e repensar toda nossa prática docente, e conhecer as distintas realidades dos nossos alunos, procurando adaptar a escola e as nossas aulas aos mais variados cenários. Grandes foram os desafios, novos termos iam surgindo, metodologias ativas, sala de aula invertida, sistema híbrido, plataforma meet, zoom, tantas tecnologias e muito pouco tempo para nos apropriarmos.

A realidade da escola pública brasileira é por vezes perversa, muitos alunos não têm acesso a internet, computadores, notebooks e outros recursos tão necessários para as aulas remotas, ou não presenciais, algo que se estende aos professores. Procurar trabalhar com uma nova forma de ensinar, reestruturar concepções pedagógicas em pouquíssimo tempo não foi nada fácil.

Na nossa escola foi possível perceber a falta de entrosamento com as tecnologias digitais dos educadores, que de algum modo buscaram apoio no próprio coletivo para se apropriarem dos conhecimentos oriundos das NTIC para aplicação em sala de aula. Um momento que considere muito marcante na nossa escola, foi o uso do e-mail para que os professores arrecadassem as atividades dos alunos antes da implementação da plataforma digital. Vocês conseguem imaginar professores com mais de 30 turmas arquivando essas atividades?

¹ O Google Sala de aula é um serviço gratuito para escolas, organizações sem fins lucrativos e qualquer usuário que tenha uma Conta do Google pessoal. Com o Google Sala de aula, os professores e alunos se conectam facilmente, dentro e fora das escolas.



Para facilitar a minha prática pedagógica, como professora de Física, passei a gerir um drive para o arquivamento das atividades dos meus alunos, e fui questionada por pais e pela própria escola sobre o proceder de modo destoado aos demais professores, questionamentos que assumem por si a falta de balizamentos para as práticas do ensino a distância.

Avançando um pouco mais na linha do tempo, a entrada da escola nas casas de alunos e professores mediada pelas tecnologias digitais resultou em mais estresse para a classe docente. Como dar aula em casa sem as mínimas condições de ergonomia? Como dividir o tempo e o espaço para ser mãe e educadora? Como preparar aulas mais motivadoras se o preenchimento de planilhas era infundável? Souza (2020) também trouxe essa reflexão sobre a sobrecarga de trabalho para as mulheres no período pandêmico, mais braços em casa pouco significou para o compartilhamento de tarefas domésticas, e assim pudemos perceber na escola professoras e professores adoecendo.

As NTIC nessa nova escola reconfigurada mostraram uma faceta pouco conhecida para os professores que pouco usavam tecnologias no ambiente de trabalho escolar, a escola pública tem uma característica de ser muito precária nessa ordem, os próprios alunos não compreendiam como manipular as tecnologias em favor de uma aprendizagem significativa. As cópias literais nos trabalhos escolares foram na escola maciças e preocupantes.

Em 2020, Cerca de 30% dos alunos que estavam no segundo ano do Ensino Médio presentes no espaço Classroom de Física disseram que não entendiam os mecanismos de informática para entregar as tarefas online. Em 2021, menos de 8% dos alunos de Física do terceiro ano afirmam que não compreendem esses mecanismos.

Vimos em nossa escola alunos pouco hábeis em práticas de informática, e muitos tendo apenas o celular para navegar entre as atividades propostas no espaço Classroom, por vezes, com o compartilhamento de um único equipamento por vários membros da família, e os responsáveis tentando organizar em um mínimo possível a aprendizagem dos educandos em casa, tarefa árdua para qualquer um que não seja um docente profissional.

Para alguns professores que antes de 2020 entendiam que o fato dos alunos manipularem celulares e redes sociais para entretenimento era suficiente para extrapolar essas habilidades para a aprendizagem, os dados anteriores se mostram surpreendentes, pois remete a ideia de que a escola deve fomentar nos educandos o aprender a aprender.

Aprender como aprender será a habilidade mais importante a ser adquirida por todas as pessoas no futuro. Aprender, nesse sentido, significa saber identificar problemas, achar informação apropriada para a solução do problema em mãos, tirar conclusões adequadas, e comunicar a terceiros, com clareza, os resultados da tarefa, fazendo isso novamente várias vezes ao dia. Uma vez que diferentes problemas, de uma nova ordem de complexidade, estarão surgindo constantemente, haverá sempre novos desafios, novos



obstáculos a serem derrubados. (LITTO, p.23).

Também podemos pensar no que as NTIC têm de melhor, que é aquilo que elas podem permitir aos alunos e professores criarem, o que pode ser expandido a partir dos dados anteriormente mencionados. O fato dos alunos terem um contato maior com essas tecnologias de forma pedagógica durante o ano letivo de 2020 amplificou o entendimento do funcionamento da plataforma e suas formas de uso, no início ano letivo de 2021. Compartilhamos com Freire (1996, p. 87) o seu pensamento sobre o “enorme potencial de estímulos e desafios à curiosidade que a tecnologia põe a serviço das crianças e dos adolescentes das classes sociais favorecidas”, e que essas devem ser assumidas como prioridades nas escolas públicas brasileiras, principalmente como ferramentas para provocar o protagonismo dos educandos.

Como modo de potencializar aprendizagens, alguns professores das escolas se propuseram a motivar atividades síncronas, entretanto poucos alunos se engajaram a essas atividades. Normalmente na disciplina de Física frequentavam 5 alunos por turma, o não fugia de regra para os demais componentes curriculares, o que pode indicar uma falta de preparo dos educadores em lidar com esse tipo de ferramenta, mas também pode refletir a falta de organização encontrada pelos educandos e suas famílias para estabelecer rotinas de estudos.

As incertezas e inquietações que surgiram na educação durante a pandemia, não fizeram parte somente do dia a dia dos professores e estudantes, os pais e responsáveis também precisaram se adaptar a esse novo cenário. A sala de aula passou a ser na casa do estudante, muitas vezes o único aparelho celular da família precisou ser usado como ferramenta educacional. Muitos pais não tinham tempo e às vezes nem conhecimento para auxiliar seus filhos nas tarefas que eram enviadas semanalmente de forma online ou impressas pela escola. Durante o período não presencial realizei enquanto docente do componente curricular de Geografia aulas síncronas na plataforma meet. Muitas foram as dificuldades, adaptar a minha casa o meu espaço para receber os meus alunos diariamente. A realidade da escola pública não nos permitiu ter uma assiduidade dos alunos nessas aulas, poucos conseguiram participar.

A angústia de querer ensinar, de querer auxiliar nosso educando era um sentimento dividido por todos os docentes, esses relatos eram discutidos nas reuniões e conselhos de classe. Como mudar uma prática de muitos anos em poucos meses? Como trabalhar de forma igualitária com estudantes que não possuem as mesmas condições financeiras?

Fomos a última escola de Ensino Médio a retomar as atividades presenciais na cidade de Rio Grande. Nesse novo contexto, poucos alunos retornaram para as atividades presenciais, às vezes temos no máximo dez alunos frequentando as aulas em nossas turmas.

A escola ainda apresenta falta de professores, pois alguns docentes apresentam comorbidades e não receberam a segunda dose da vacinação contra a Covid-19. Somando a essas faltas, devido a reorganização curricular, houve a ampliação de



carga horária para as disciplinas de Matemática e Português determinada pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul com o intuito de minimizar as perdas de aprendizagem dos alunos durante a pandemia, mas os professores contratados ainda não foram efetivados.

Se a sobrecarga de trabalho já era notada nos períodos de aulas remotas, agora com o retorno à modalidade presencial está amplificada. Professores preparam aulas digitais para o espaço Classroom, preparam atividades remotas que são impressas para os alunos sem conexão tecnológica e ainda atendem presencialmente alunos na escola. A profissão docente nunca esteve tão precarizada e desgastante, muitas vezes temos um olhar sobre o aluno, sobre sua família e esquecemos que o professor também está fragilizado, está com dificuldades e precisando ser mais valorizado do que cobrado, nem um outro profissional nesta pandemia abriu as portas da sua casa, precisou se reinventar, passou a trabalhar todos os turnos e finais de semana e ainda foi duramente criticado pela sociedade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pandemia escancarou a imensa desigualdade social e econômica presente no nosso país. Talvez esse seja o momento para que como nação busquemos esforços para mudar a realidade educacional do Brasil. Não podemos admitir que a escola volte para a dita normalidade anterior a 2020.

Como ainda permitiremos salas abarrotadas com mais de 40 alunos, escolas sem conexão rápida de internet e fechamento de escolas destinadas à Educação de Jovens e Adultos?

Creemos que o período de aulas no ambiente online permitiu a alunos e professores experimentar outras formas de ensinar e aprender, mas políticas públicas precisam assegurar uma equidade no sistema educacional, essas mudanças não podem gerar mais desigualdade social.

O período pandêmico mostrou o potencial adaptativo da profissão docente. Vimos professores comprometidos na sua atualização profissional. Muitos colegas aproveitaram a proliferação de cursos ofertados de modo online para buscar conhecimento para melhorarem as suas estratégias pedagógicas. Aulas em ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) não são meios de transposição de livros didáticos, requerem adaptações para se tornarem atrativos para os educandos.

Os AVA mostraram aos professores possibilidades para expandir o espaço e o tempo da sala de aula, podendo incrementar a forma de acompanhamento de alunos e também podendo ser destaques quando as intempéries climáticas, comuns no sul do Brasil, impossibilitarem encontros presenciais na escola.

Os alunos no espaço Classroom de Física puderam experimentar atividades de escritas colaborativas, acessaram laboratórios de Ciências virtuais, puderam assistir a vídeos e trocaram suas experiências com tecnologias que enriqueceram tanto o fazer docente como o aprender a aprender.

Se perguntarmos aos professores sobre como gostariam que seus alunos atuassem no período remoto, certamente a resposta passaria pela autonomia. Se queremos alunos mais independentes frente ao conhecimento, enquanto professores devemos condenar a educação bancária, que há muito nos falava Freire. Devemos



promover práticas em que os educandos sejam convidados a pensar e agir de forma crítica, que sejam formados cidadãos conscientes sobre o estar e com o mundo.

O Ensino Remoto permitiu que professores percebessem a importância da atualização de práticas pedagógicas, fazendo muitos pensarem de forma crítica o seu modo de estar na sala de aula.

Acreditamos que os professores de escolas públicas fizeram o inimaginável em outros tempos, conseguiram manter grande parte dos alunos na escola através de atendimentos sem contar com o apoio de tutores, comuns em Ensino a Distância, para dar conta de inúmeras tarefas e aprendizagens.

Se a Educação Remota no Brasil foi repleta de falhas, sem a participação ativa de professores comprometidos teria sido muito mais devastadora.

5. REFERÊNCIAS

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. 39ª Edição. São Paulo/Brasil: Editora Terra e Paz, 1996.

UNESCO. **COVID-19: como a Coalizão Global de Educação da UNESCO está lidando com a maior interrupção da aprendizagem da história**. 2020. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/covid-19-como-coalizao-global-educacao-da-unesco-esta-lidando-com-maior-interruptao-da>. Acesso em: 01/08/2021.

LITTO, F. **Aprendizagem a distância**. São Paulo: Imprensa Oficial do estado de São Paulo, 2010.